ISSN: 2358-8829

CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: SABERES TRADICIONAIS E CONTEXTO ESCOLAR EM PARNAMIRIM–RN

Breno Jefferson Lopes Nunes de Oliveira [1]
Elisabeth Cristina Dantas de Araujo Oliveira [2]

INTRODUÇÃO

A etnobotânica investiga as relações entre os grupos humanos e os recursos vegetais, considerando os conhecimentos, as práticas e os significados atribuídos às plantas em diferentes contextos socioculturais. No Brasil, esse campo contribui para registrar os usos tradicionais da flora, compreender a transmissão dos saberes comunitários e discutir a conservação da biodiversidade (DIAS et al., 2025; REIS et al., 2023). Nesse contexto, as plantas medicinais representam uma importante expressão das relações históricas entre sociedade e natureza, envolvendo práticas de cuidado e memória coletiva.

A transmissão desses conhecimentos ocorre principalmente nos ambientes familiar e comunitário, por meio de experiências relacionadas à identificação das espécies, às partes utilizadas e às formas de preparo. Estudos com estudantes do Ensino Fundamental destacam a importância de reconhecer esses saberes e relacioná-los aos conteúdos de Ciências, favorecendo práticas educativas contextualizadas e investigativas (BASSO; LOCATELLI; WERNER DA ROSA, 2021; ANTONELLI; VARELA; CITADINI-ZANETTE, 2024). Essa abordagem também possibilita desenvolver o pensamento crítico, diferenciando os conhecimentos tradicionais das evidências científicas sobre eficácia e segurança terapêutica.

Além dos usos medicinais, as plantas também possuem significados religiosos e culturais. Pesquisas sobre religiões de matriz africana identificam sua utilização em práticas medicinais, alimentares e mágico-religiosas, evidenciando a importância de compreender esses conhecimentos em seus respectivos contextos culturais (PURCINO; LUCENA; JARDIM, 2022). No ambiente escolar, essa temática justifica-se pela possibilidade de integrar conhecimentos sobre botânica, biodiversidade, saúde e diversidade cultural, fortalecendo o diálogo entre os saberes comunitários e científicos e as práticas de Educação Ambiental (ALBANO; SANTOS; BASTOS, 2023; COSTA; SILVA, 2024).

[1] Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jeffersonbreno990@gmail.com;
[2] Professor orientador: Elisabeth Cristina Dantas de Araujo oliveira, Mestre, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, profaelisabetharaujo@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Diante disso, a realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de reconhecer e valorizar os conhecimentos etnobotânicos presentes no cotidiano dos estudantes, considerando sua importância cultural, educativa e socioambiental. Assim, o estudo teve como objetivo identificar os conhecimentos etnobotânicos sobre plantas medicinais entre estudantes do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, em Parnamirim–RN, considerando os usos, as fontes de informação, as partes vegetais utilizadas, as formas de preparo e as dimensões culturais associadas, além de discutir as possibilidades de articulação desses saberes com o ensino de Ciências.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, situada em área urbana do município de Parnamirim, Rio Grande do Norte. Participaram 100 estudantes do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II, do turno vespertino, distribuídos em cinco turmas: 7º A, 7º B, 7º C, 8º A e 8º B. A amostra reuniu 53 participantes do sexo masculino e 47 do feminino, com idades entre 12 e 16 anos.

A coleta ocorreu por meio de questionários individuais com questões abertas e fechadas sobre conhecimentos, usos, formas de preparo, importância cultural e relação das plantas medicinais com o meio ambiente. Após a aplicação, foi realizada atividade educativa sobre plantas medicinais, conhecimentos tradicionais, conservação da biodiversidade e Educação Ambiental, com apoio de vídeos, imagens e materiais botânicos.

Os dados quantitativos foram organizados em planilha eletrônica e analisados por frequências absolutas e relativas. As respostas abertas foram agrupadas em categorias temáticas, preservando o conteúdo declarado pelos participantes. Nas questões de múltipla menção, às categorias não são mutuamente exclusivas; portanto, um estudante pode aparecer em mais de uma categoria.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, apresenta diversidade vegetal relacionada a práticas ecológicas e socioculturais das populações do semiárido. Revisões sobre plantas medicinais nesse bioma registram ampla variedade de espécies e ressaltam a importância de documentar os conhecimentos tradicionais associados aos seus usos (REIS et al., 2023).

No Rio Grande do Norte, estudos etnobotânicos realizados em diferentes municípios evidenciam a predominância de investigações sobre usos medicinais e a necessidade de ampliar a produção científica regional (DIAS et al., 2025; SILVA et al., 2025). Os conhecimentos

ISSN: 2358-8829

etnobotânicos envolvem formas de reconhecer, classificar e utilizar recursos vegetais, incluindo dimensões simbólicas e religiosas. A literatura sobre religiões de matriz africana demonstra que determinadas plantas integram práticas medicinais, alimentares e mágico-religiosas, que devem ser compreendidas sem generalizações entre tradições distintas (PURCINO; LUCENA; JARDIM, 2022). Da mesma forma, o registro de uma prática tradicional não comprova, por si só, eficácia ou segurança terapêutica. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos estabelece diretrizes para o acesso seguro e o uso racional desses recursos (BRASIL, 2006).

No ensino de Ciências, a etnobotânica pode aproximar os conteúdos curriculares das experiências familiares e comunitárias dos estudantes. Projetos investigativos, oficinas e atividades práticas favorecem o diálogo entre conhecimentos populares e científicos, alfabetização científica e a reflexão sobre conservação, identificação botânica e confiabilidade das informações (BASSO; LOCATELLI; WERNER DA ROSA, 2021; DAMACENO et al., 2023; COSTA; SILVA, 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa reuniu 100 estudantes, dos quais 53% eram do sexo masculino e 47% do feminino. A faixa etária variou de 12 a 16 anos, com maior frequência de participantes de 13 anos (32%), seguida por 14 anos (30%) e 12 anos (22%).

Quanto ao uso de plantas medicinais, 67 estudantes (67%) responderam afirmativamente e 33 (33%) declararam não utilizar. No ambiente doméstico, 61% informaram que alguém da casa também utiliza essas plantas. A família e as pessoas mais velhas constituíram a principal fonte de informação, reunindo 66% das respostas; conversas com outras pessoas corresponderam a 13%, livros e revistas a 10%, e internet, vídeos ou redes sociais a 5%. A escola e os professores foram mencionados em apenas 2% das respostas.

A predominância da família e das pessoas mais velhas evidencia a transmissão oral e intergeracional desses conhecimentos. Resultado semelhante foi observado por Antonelli, Varela e Citadini-Zanette (2024), que identificaram mães e avós como fontes importantes de informação entre os estudantes. Esses dados indicam uma oportunidade para a escola reconhecer os repertórios dos alunos e aprofundar a discussão sobre identificação das espécies, segurança de uso e conservação vegetal.

Entre as plantas mencionadas, destacaram-se camomila (27 citações), boldo (20), hortelã (19) e babosa (13). Também foram registradas referências a capim-santo e erva-cidreira (seis cada), louro (quatro) e erva-doce (três). Como alguns participantes citaram mais de uma espécie, as frequências não são excludentes. O repertório identificado dialoga com a relevância

ISSN: 2358-8829

dos conhecimentos locais documentados em levantamentos etnobotânicos no semiárido nordestino, embora não seja possível presumir correspondência direta entre localidades distintas (REIS et al., 2023; SILVA et al., 2025).

As folhas foram a parte vegetal mais mencionada, aparecendo em 77% das respostas, inclusive nas combinações com outras estruturas. Em relação ao preparo, 79% das respostas foram agrupadas em fervido, chá, infusão ou decocção; 9% mencionaram uso natural.

A recorrência dessas práticas descreve os saberes relatados, mas não permite afirmar que determinado procedimento seja adequado para todas as espécies. A identificação botânica, a parte utilizada, a quantidade, o modo de preparo e as contraindicações exigem avaliação científica e orientação qualificada (BRASIL, 2006; REIS et al., 2023).

A crença em tratamentos realizados com plantas medicinais foi declarada por 82% dos estudantes; 16% assinalaram talvez e 2% responderam não. Sobre o uso de plantas em contextos religiosos, 10% mencionaram práticas ou espécies associadas a esse contexto, enquanto 86% responderam negativamente e 4% apresentaram respostas não classificáveis com segurança. Entre as menções afirmativas apareceram jurema, mirra, ramos, boldo e hortelã. Embora minoritários, esses relatos evidenciam a dimensão simbólica e cultural dos vegetais, em consonância com a revisão de Purcino, Lucena e Jardim (2022).

Nas respostas sobre condições de saúde associadas às plantas, foram frequentes as referências a sintomas respiratórios (62%), dores, febre e inflamações (53%) e problemas gastrointestinais (44%). Também foram citados ansiedade, sono e cansaço (17%) e problemas de pele ou queimaduras (3%). Essas categorias representam indicações conhecidas pelos participantes, não diagnósticos nem comprovação de eficácia, pois o questionário não avaliou condições clínicas, dosagens ou resultados de tratamentos.

Os resultados oferecem possibilidades de articulação pedagógica entre botânica, biodiversidade, ecologia, saúde e cultura. O levantamento dos conhecimentos prévios pode subsidiar atividades de observação, identificação, registro e investigação, valorizando a memória comunitária e promovendo análise crítica das informações. Essa perspectiva é coerente com estudos que apontam o potencial de projetos investigativos para aproximar conhecimentos populares e científicos no ensino de Ciências (ALBANO; SANTOS; BASTOS, 2023; DAMACENO et al., 2023; COSTA; SILVA, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou conhecimentos etnobotânicos sobre plantas medicinais entre estudantes do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo

Gomes, em Parnamirim–RN. O objetivo foi alcançado ao caracterizar o uso, as fontes de informação, as espécies citadas e as práticas de preparo. Entre os 100 participantes, 67% afirmaram utilizar plantas medicinais, enquanto 66% apontaram familiares e pessoas mais velhas como principais fontes de conhecimento.

Camomila, boldo, hortelã e babosa foram as espécies mais mencionadas, com predominância das folhas e do preparo em chás, infusões e decocções. Os resultados evidenciam a importância da transmissão familiar dos saberes tradicionais e reforçam o potencial da etnobotânica no ensino de Ciências. Nesse contexto, a escola pode articular conhecimentos comunitários e científicos, valorizando a cultura local e a conservação da biodiversidade. Como limitações, destacam-se o uso de auto relatos, as respostas incompletas e a ausência de identificação botânica das espécies. Conclui-se que a etnobotânica constitui uma importante possibilidade de contextualização curricular, integrando memória cultural, conhecimento científico e Educação Ambiental.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas medicinais; Conhecimento tradicional; Educação ambiental; Natal-RN.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Wladimyr Matos; SANTOS, Marcelo Guerra; BASTOS, Wagner Gonçalves. Plantas medicinais e o ensino de Ciências Naturais. Revista Contexto & Educação, Ijuí, v. 38, n. 120, e13591, 2023. DOI: https://doi.org/10.21527/2179-1309.2023.120.13591. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/contextoeducacao/pt_BR/article/view/13591. Acesso em: 18 setembro. 2026.

ANTONELLI, Isadora de Borba; VARELA, Elaine Puziski; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Percepção e conhecimento sobre plantas medicinais em uma escola no sul do Brasil. ACTIO: Docência em Ciências, Curitiba, v. 9, n. 3, p. 1-23, 2024. DOI: https://doi.org/10.3895/actio.v9n3.18363. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/18363. Acesso em: 8 abril. 2026.

BASSO, Eloisa; LOCATELLI, Aline; WERNER DA ROSA, Cleci Teresinha. O ensino de Ciências com base no conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, v. 17, n. 39, p. 234-252, dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.18542/amazrecm.v17i39.11438. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/11438. Acesso em: 8 abril. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 jun. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm. Acesso em: 18 maio. 2026.

COSTA, Ana Cristina Aguiar de Lima da; SILVA, Geraldo Alves da. Projetos investigativos no conhecimento das plantas medicinais na escola. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), [S. l.], v. 19, n. 8, p. 129-144, 2024. DOI: https://doi.org/10.34024/revbea.2024.v19.18717. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/18717. Acesso em: 18 março. 2026.

DAMACENO, Ivani Vieira et al. O estudo de plantas medicinais no ensino fundamental: práticas metodológicas para a construção do conhecimento e resgate dos saberes culturais. Revista Delos, [S. l.], v. 16, n. 48, p. 3073-3091, 2023. DOI: https://doi.org/10.55905/rdelosv16.n48-007. Disponível em: https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/1069. Acesso em: 8 julho. 2026.

DIAS, Mariana Ferreira Lima et al. Etnobotânica no Rio Grande do Norte: revisão sistemática dos estudos. FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica, [S. l.], v. 3, n. 14, e2025027, 2025. DOI: https://doi.org/10.59621/flovet.2025.v3.n14.e2025027. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/20260. Acesso em: 07 de março. 2026.

PURCINO, Bianca Cristina de Lima Conceição; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; JARDIM, Jomar Gomes. Etnobotânica nas religiões de matriz africana: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, [S. l.], v. 9, n. 23, p. 1415-1426, 2022. DOI: https://doi.org/10.21438/rbgas(2022)092318. Disponível em: https://revista.ecogestaobrasil.net/v9n23/v09n23a18a.html. Acesso em: 18 setembro. 2026.

REIS, Hélio Souza dos et al. Plantas medicinais da Caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 27, n. 2, p. 874-900, 2023. DOI: https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i2.2023- 020. Disponível em: https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9395. Acesso em: 17 agosto. 2026.

SILVA, Aline Kelly da et al. Abordagem etnobotânica das plantas medicinais utilizadas em Monte das Gameleiras/RN. FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica, Cuiabá, v. 3, n. 14, e2025009, 2025. DOI: https://doi.org/10.59621/flovet.2025.v3.n14.e2025009. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/19495. Acesso em: 8 abril.